

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

ENCRUZILHADAS METODOLÓGICAS: uma problemática ao colonialismo na busca de produção de conhecimentos afrodiaspóricos

Arianna Ramos dos Santos¹
Marise de Santana² 

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) campus Jequié- BA. A pesquisa investiga a influência das danças negras referenciadas nas relações interétnicas entre crianças negras e não negras. Desse modo, pretende-se examinar e analisar como esses estudos com a dança e referenciais negros contribuem para a formação dessas etnicidades, e como potencializam suas experiências sociais e corporais, mediante as fronteiras existentes em seus contextos. O campo de investigação é um programa de integração, educação e desenvolvimento social, que desenvolve aprendizados por meio de ações educacionais, na cidade de Ipiaú. Para isso, na busca de uma abordagem colaborativa e imersiva, adota-se o método da etnopesquisa-ação, com uma abordagem de caráter qualitativo, utilizando a observação participante em oficinas de criação e investigação, juntamente com rodas de conversa para a coleta de dados. Portanto, a análise crítica recorre aos estudos das relações interétnicas, etnicidade, crianças e fronteiras, buscando compreender como essas interações se configuram e se transformam com a dança. A pesquisa enfatiza como a dança com referenciais negros pode promover um ambiente inclusivo e fortalecedor das relações interétnicas, contribuindo para uma convivência respeitosa entre as crianças.

Palavras-Chave: relações interétnicas; etnicidade; fronteiras.

¹ Mulher Negra, Candomblecista, Professora, Coreógrafa, Pesquisadora e Artista. Graduada em Licenciatura em Dança pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB-2021). Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-graduação em Relações étnicas e contemporaneidade (UESB- 2025). Email: ariannaramos823@gmail.com.

² Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Bahia Olga Meting. Concluiu mestrado em pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora nível Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora do quadro permanente do Programa Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade e do Curso de Pós-Graduação em Antropologia Com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras do ODEERE/UESB. Na UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana é Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em "Desenho, Cultura e Interatividade". Email: nabia1960@gmail.com.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA 

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

INTRODUÇÃO

“Nas andanças dessas composições, nos vestimos de ancestralidades”

MARTINS (2023, p. 203).

Essa pesquisa se inicia a partir das encruzilhadas e do olhar para minhas próprias andanças, lugar que busquei possibilidades para a construção de novos caminhos para o campo profissional. Sabe-se que pensar em identidade étnica, cultura negra e em tudo que constitui as relações é um processo que não é de fácil afirmação ou até mesmo reafirmação, pois infelizmente ainda é marcado pelas influências, gatilhos e agressões causadas pela estrutura do racismo. Desse modo, é notório que as relações são estabelecidas mediante os contatos, e sabe-se que assumir a identidade é um grande ato político. Venho apresentando a Encruzilhada pautada na sabedoria de Leda Maria Martins (2019), como um lugar onde se cruzam duas ou mais ruas, estradas ou caminhos, sendo estas as memórias, experiências, valores e histórias que ao se conscientizar da importância no intuito de construir novas noções sobre elas, possibilitam compreender o seu próprio corpo com a dança e na dança, percebendo-o como um “corpo-tela”, que é atravessado, entrecruzado por saberes que compõem o universo próprio de cada pessoa. MARTINS (2021) nos apresenta esse “corpo” como um lugar amplo de resistência e de memórias culturais, e aponta dizendo que:

Um corpo historicamente conotado, que personaliza as vozes que denunciam e nomeiam o itinerário de violências de nossa rotina cotidiana, mas que, sem tréguas, escavam vias alternas para uma outra existência, mais plena e cidadã. Um corpo/ voz inventário que limpa, restabelece, restitui, reivindica, respira e inspira, em perene processo de cura, escavando vias alternas de outros devires possíveis, sempre desejoso de transformações do corpus social (MARTINS, 2021, p. 162).

Somando-se ao desejo de dar continuidade aos meus estudos iniciados na



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

graduação, os motivos que movem esta pesquisa são: 1) A difusão da identidade negrã referenciada na dança, compreendida como área de conhecimento respaldada por sua particularidade negra experienciada; 2) A aplicação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 de forma a transversalizar o ensino da História afro e indígena principalmente nas áreas de dança; 3) A diminuição do racismo epistemológico, respeitando as diferentes formas de produção de conhecimento e promovendo autoestima do corpo negro na dança. Assim, é nesta perspectiva que esta proposta lança-se com o desafio do enfrentamento ao epistemicídio cometido na história do pensamento social brasileiro, que se reverbera no terreno dos estudos voltados para a dança, fundamentados em larga medida pelo pensamento eurocêntrico, em detrimento dos conhecimentos de matrizes populares, africanas e indígenas no Brasil. Trata-se de um mecanismo artístico-sócio-pedagógico que preza por evidenciar as histórias, memórias corporais de sujeitos sociais e as ações que giram em torno de suas expressões silenciadas nos campos dos saberes em dança que seguem a ótica hegemônica de conhecimento.

CATEGORIAS DE ANÁLISES: ETNICIDADES, DIFERENÇAS ÉTNICAS E FRONTEIRAS COMO PROCESSO DE SOCIABILIZAÇÃO

Visto que, o propósito dessa pesquisa é contribuir para o processo identitário e nas relações das crianças, várias leituras foram feitas para auxiliar e estabelecer as categorias de análises desse processo. Posto isso, entre eles estão as relações interétnicas; etnicidade; crianças, dança e fronteiras.

Em um cosmo gigante e variado em riqueza cultural, encontra-se uma ampla multiplicidade étnica. O mundo em sua tamanha amplitude e complexidade, baseado em características étnicas e sociais, resume o entendimento do que se empregado ao termo “*eticidade*”. Conceito este



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

utilizado desde o século XX (vinte) por antropólogos, prevalecendo por vários lugares e ambientes do mundo, procedendo da palavra etnia e derivando-se da palavra grega “ethnos”. A renomada antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (1987), em seu entendimento e discussão sobre o respectivo termo, diz que:

O que significa que a etnicidade é linguagem não simplesmente no sentido de remeter a algo fora dela, mas não? de permitir a comunicação. Pois enquanto forma de organização política, ela só existe em um meio mais amplo (daí, aliás, seu exacerbamento em situações de contato mais íntimo com outros grupos), e é esse meio mais amplo que fornece os quadros e as categorias dessa linguagem (CUNHA, 1987. p. 99).

Partindo do entendimento do sociólogo Max Weber (2000/2009), que compreendia a etnicidade como um fator que transcendia os elementos físicos e biológicos, e que vai do princípio de uma construção social. Cunha (1987) constatou que a etnicidade seria uma organização, um protesto político - ou melhor - uma postura de resistência e de autoafirmação. Nesse sentido, assumindo variadas formas de posicionamento, seja por meio da cultura, da língua, histórias, e dependendo do contexto em que for inserida, ela age como uma ideologia no intuito de atuar em meio aos princípios sociais e culturais. “A etnicidade é então apontada, dependendo de onde se manifesta, se em sociedade socialista ou em sociedade capitalista, seja como urna sobrevivência arcaica, seja como um modo inadequado, pré-político, de reivindicações” (CUNHA, 1987).

O entendimento desse conceito faz perceber o processo de diferenciação do mesmo aos pensamentos referentes a raça e outras formas de identidade, notando assim as complicações existentes nas explorações das identidades humanas e em suas relações. À medida que a etnicidade se refere a identificação com processos culturais e históricos, em outros termos - à pertença a um grupo étnico, como aborda o admirável antropólogo social, Fredrik Barth, por Philippe



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Poutignat (1998)³, a raça em sua categorização se concebe em meio às classificações raciais no desenrolar das construções sociais, tendo como principais fatores os traços e aspectos físicos. Desse modo, distingue-se ambas definições e nomeações mesmo com suas associações e vinculações, percebendo assim suas atribuições por intermédio das identidades e identificações étnicas que se formam e são percebidas diariamente. Como pontua Poutignat (1998) referente a tais abordagens:

Em todas as abordagens que fazem da identificação mútua, o traço constitutivo da identidade étnica, a produção e a utilização dos nomes étnicos representam objetos de análise particularmente importantes para elucidar os fenômenos de etnicidade, uma vez que verifique a existência e a realidade de um grupo étnico não podem ser atestadas por outra coisa senão pelo fato de que ele próprio se designa e é designado por seus vizinhos por intermédio de um nome específico. Como bem observaram os Hugues, a nominação não é somente um aspecto particularmente revelador das relações interétnicas, ela é por si própria produtora de etnicidade (POUTIGNAT, 1998. p.143).

O autor evidencia o valor em relação às nomeações, tal como, o autoconhecimento e respeito aos outros, para a durabilidade e veracidade dos grupos étnicos. Assim, nos aponta sobre como as atribuições e definições têm o poder de reforçar e potencializar a própria etnicidade, já que estabelecem o seu próprio sistema de identificação (POUTIGNAT, 1998). Ou seja, as nomeações têm um significado e perspectivas importantes nas relações entre grupos étnicos, bem como em sua existência em circunstâncias políticas, sociais e culturais.

Partindo do que já foi exposto, é importante mencionar e reconhecer o impacto do processo histórico das identidades étnicas, das relações, desde o período pré-colonial até o efeito da globalização. Brevemente e incisivamente falando, no livro *Etnicidades e trânsitos: estudos sobre Bahia e Luanda*, por Marise

³ Ver livro: Teorias da Etnicidade - 2ª edição - "seguido de grupos étnicos e suas fronteiras", de Fredrik Barth.



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

de Santana, Edson Dias e Washington Nascimento (2017). Profissionais atuantes no campo da educação, educadores e colaboradores do programa Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE), órgão qual faço parte e potencializa esta andança ancestral, levantam a questão sobre o que o próprio Barth (1998) pensava sobre fronteiras étnicas, entendidas como vertentes de demarcações sociais e culturais, em meio as etnicidades. Assim, pontuaram, afirmando que: “No bojo do processo da colonização portuguesa foi primordial a elaboração de categorias classificatórias que, do ponto de vista social e jurídico, visam criar homogeneizações e controlar as populações sob o seu domínio” (SANTANA, 2017, p. 31). Porém, anteriormente, os grupos se relacionavam, organizavam de maneira sensata mesmo com diferentes culturas, línguas e tradições. Mas com a chegada dos colonizadores, percebendo a gama de diversidade encontrada, buscou maneiras de introduzir convenções sociais de poder, para controlar e administrar os habitantes existentes (SANTANA, 2017).

Com a criação de barreiras sociais e nomenclaturas nas quais estabeleciam estereótipos de classificações, as relações nos ambientes passaram de um bom relacionamento para grandes conflitos sociais e identitários, tornando-se bastante difícil o processo de desenvolvimento da civilização, à custa dos sistemas e imposições coloniais. Com as normas de demarcação e classificação, a pertença étnica necessariamente passou a ser um marcador divisório. Como estabelece Poutignat (1998), ao dizer que a noção de grupo étnico, só se designa a partir de uma alteridade. Desse modo, o reconhecimento das fronteiras e diferenciações sociais entre os grupos, para a existência e persistência dos mesmos, é bastante importante, pois valida um controle que dá procedimentos às etnicidades.

Cunha (1987, p. 100), no que se diz sobre distinção, aponta que: “Assim, a escolha dos tipos de traços culturais que irão garantir a distinção do grupo enquanto tal depende dos outros grupos em presença e da sociedade em que se



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

acham inseridos, já que os sinais diacríticos devem poder se opor, por definição, a outros de mesmo tipo". A autora, expõe que a identidade de um determinado grupo, não vai ser apenas definida pelas pessoas que o compõem, mas que as interações, convivências com outros grupos interferem nesses processos. O que é chamado de "*sinais diacríticos (língua, costumes e tradições, crenças e valores)*" definido por Poutignat (1998), que retrata sobre os traços culturais que são escolhidos para manter uma separação, bem como para que sejam identificados e reconhecidos por seus sinais culturais.

Inúmeras transformações nas relações sociais surgiram com o processo de migrações, ainda mais após a escravização. Os tráficos das pessoas negras de seus territórios influenciaram também nas construções e desenvolvimentos de novas identidades étnicas nas sociedades. A diáspora africana, formou fluxos de identidades híbridas com componentes tanto da cultura negra, indígena e europeia (POUTIGNAT, 1998). Essa miscigenação e todo cruzamento cultural, se proferiu em variados elementos percebidos durante e após a globalização, entre eles está a culinária, música, dança e religião.

A mistura de tradições vem representando até os dias atuais uma grande resistência e preservação de novos contextos, realidades, princípios, identidades e influências culturais, que mesmo em meio às violências e revoltas, conseguiram fomentar e engrandecer outras grandes culturas em seu meio. Deste modo, esse apontamento, tem relevância ao mencionar sobre como essas categorias étnicas têm efeito nas percepções dos dias atuais, desde o período colonial aos impactos dos processos históricos.

O processo de sociabilização mediante as formações das identidades étnicas, com influência da globalização foi e ainda é um grande processo de adaptação e reformulação. Internalizar, fazer com que tais normas e valores façam parte de suas realidades e compromissos, é além de tudo um aprendizado



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

fundamental para o cuidado e conservação das individualidades e respeito para estabelecer as interações sociais. Como mencionado, sobre as identidades híbridas, miscigenadas, que entrelaçaram costumes, culturas, possibilitando múltiplas tradições. Além de multiplicar, esse processo também foi um momento de recuperação e afirmação étnica e cultural. As comunidades diaspóricas além de lutar para manter seus costumes e crenças, buscavam maneiras e formas para se adequar aos novos contextos que estavam inseridos (POUTIGNAT, 1998) e (SANTANA, 2017).

Desse modo, conclui-se que adaptar-se a uma nova realidade tem seus graus de estabilidade e desafios. Sob os efeitos da globalização, das formações das etnicidades, identidades e dos grupos étnicos, esses movimentos influenciaram e vem influenciando as práticas e os princípios culturais entre os indivíduos. Percebemos que as construções culturais formam as identidades culturais, que se conectam por meio das interações, ligações sociais, como já discutido anteriormente (CUNHA, 1987). Nas circunstâncias da globalização, as características étnicas organizadas e reformuladas, promovem não só a diversidade cultural, mas viabilizam a necessidade do respeito, inclusão nas sociedades que estão cada vez mais interligadas.

Assim sendo, etnicidades, diferenças étnicas e sociabilização são três importantes e necessárias discussões que se entrelaçam para o entendimento das realidades que cercam esse mundo contemporâneo. Dessa maneira, notamos com essas discussões apresentadas e com processo histórico, as complexidades e profundidades existentes que são produtos das interações humanas e das multiplicidades culturais, que contribui para a interconexão cultural, econômica, política e pessoal, nesse mundo significativo e puramente globalizado.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

REFERÊNCIAS

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral, poéticas do corpo-tela** / Leda Maria Martins. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**/ Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes. - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. - (Biblioteca básica).

SANTANA, Marise de. **Etnicidades e trânsitos: estudos sobre Bahia e Luanda**/ Marise de Santana; Edson Dias Ferreira; Washington Santos Nascimento - Jequié; Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB) e Áfricas: grupo de pesquisa Interinstitucional (UERJ - UFRJ), 2017.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA

